I.

Referendo histórico liberaliza interrupção voluntária da gravidez na Irlanda. "Sim" vence com 66,4% dos votos.

Em Itália, continua impasse político. Primeiro-ministro indigitado convoca eleições após Agosto se não tiver apoio parlamentar.

União Europeia tenta salvar acordo nuclear com o Irão. Depois da chanceler alemã ter estado na Rússia, agora foi a vez do presidente francês Emmanuel Macron reunir-se com Vladimir Putin para debater o pacto com Teerão.

E ainda nesta edição: proliferação da corrupção através dos 'vistos gold' debatida amanhã no Parlamento Europeu.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

O "sim" à legalização do aborto venceu na Irlanda.

O referendo para alterar uma das mais restritivas leis de aborto na União Europeia contou com 66,4% dos votos.

O primeiro-ministro irlandês Leo Varadkar elogiou o culminar de uma revolução silenciosa no país.

Leo Varadkar, Primeiro-ministro da Irlanda

Acho que aquilo que vimos hoje é o culminar de uma revolução silenciosa que tem vindo a acontecer na Irlanda nos últimos dez a vinte anos. Tem sido um excelente exercício de democracia e o povo falou. O povo disse que quer uma Constituição moderna para um país moderno, que confia e respeita as mulheres para tomarem as decisões correctas sobre a sua própria saúde.

O Governo da Irlanda, que espera ter uma lei já no final do ano, defende que as mulheres sejam autorizadas a interromper a gravidez nas primeiras 12 semanas, com assistência médica certificada.

A opção terá de ser discutida com a grávida, que terá de respeitar um período de três dias de reflexão.

Depois disso, é possível então realizar a interrupção da gravidez. O aborto passa a ser possível na Irlanda, três anos depois da legalização, por referendo também, do casamento entre pessoas do mesmo sexo.

E connosco ao telefone desde Bruxelas está Victor Ângelo, consultor internacional e comentador residente do Magazine Europa.

Victor, o que é que dizem estes resultados da Irlanda actual? Creio que o primeiro ministro da Irlanda foi bastante claro ao mostrar que o referendo revelou uma nova Irlanda, uma Irlanda muito mais aberta às questões de sociedade, uma Irlanda capaz de votar na ordem dos dois terços dos votantes a favor da abolição das restrições ao aborto e isso é muito importante num país que continua a ser marcado pela religião católica e, em certa medida, um país que temos associado aqui na Europa com uma visão muito tradicional da vida em sociedade e das relações entre os homens e as mulheres.

A Irlanda sai de um grupo de países que têm as leis mais duras nesta matéria na União Europeia - Polónia, Malta e Chipre. Que importância tem este momento no contexto europeu? A Irlanda sai deste referendo mais próxima dos valores modernos da Europa e, em certa medida, isso poderá ter um impacto no que virá a acontecer na Polónia, que é o grande país da União Europeia que continua a ser muito conservador e onde a Igreja continua a desempenhar um papel muito preponderante no que diz respeito às atitudes culturais, no que diz respeito às relações sociais. Isso poderá ter alguma influência na evolução das mentalidades polacas, embora eu tenha algumas dificuldades em ver uma evolução positiva nos próximos tempos na Polónia, tendo em conta que o regime de governo em Varsóvia é um governo que precisa do apoio das massas mais conservadoras, incluindo o apoio da Igreja Católica e vai fazer tudo o que seja possível para que a Igreja Católica continue a desempenhar um papel preponderante na determinação daquilo que devem ser os principais valores culturais que inspirarão a população da Polónia.

+++

António Costa, primeiro-ministro de Portugal

Assegurando a todos que o queiram ter a liberdade de ter uma morte digna, poder recorrer à eutanásia.

Victor, acabámos de ouvir António Costa, primeiro-ministro português no cogresso do Partido Socialista. Em Portugal, discutese a questão da eutanásia, com varias vozes dissonantes. Os projectos de lei apresentados vão ser debatidos e votados hoje mesmo na Assembleia da República. O que é que se pode esperar deste debate?

É um tema que em certa medida agita as populações mais conservadoras de Portugal e também temos que ter em conta que houve um parecer negativo sobre o projecto de lei que está em cima da mesa e esse parecer negativo foi do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida. Eu penso que é preciso ter em conta esse tipo de pareceres. Ou seja, quando um conselho nacional, que foi estabelecido e aprovado e apoiado por vários governos ao longo das últimas décadas dá um parecer negativo sobre um projecto de lei que vai ser discutido e provavelmente votado e aprovado talvez mesmo no Parlamento é preciso ter em conta esse tipo de pareceres e é preciso que as pessoas, e nomeadamente os deputados, levantem as questões mais profundas que o parecer não deixou de levantar.

O direito à morte assistida faz sentido?

Neste momento já existe em Portugal um instrumento que é o Testamento Vital, que permite a cada cidadão português expressar de maneira clara os cuidados de saúde que pretende receber ou que não quer receber quando estiver incapacitado de expressar a sua vontade, ou seja, quando não tiver condições para dizer claramente o que é que deve ser o tratamento que deve ser seguido. Este Testamento Vital em certa medida já é um passo no sentido da eutanásia, ou seja, no sentido de uma escolha do modo de terminar a vida.

Neste momento, no espaço europeu, apenas a Suíça, a Bélgica e a Holanda permitem a morte medicamente assistida. Portugal poderá ser o quarto país. Será que isso representa um avanço civilizacional em relação aos outros países europeus? É uma questão discutível. Eu, pessoalmente, sou a favor da eutanásia e já estive no passado envolvido em decisões em que era preciso decidir se se interrompia ou não o tratamento que estava a ser dado a determinada pessoa. E a decisão nessa altura foi de interromper o tratamento, porque não havia de modo algum hipóteses dessa pessoa recuperar a consciência e não era aconselhável manter artificialmente a sua vida.

O Victor vive na Bélgica já há muitos anos. Como é que as pessoas olham hoje em dia para a eutanásia?

A eutanásia faz hoje parte da vida normal das pessoas, enfim, não é um problema, não é uma questão que seja discutida e a própria Igreja Católica aceita que se tomem decisões desse tipo em determinadas circunstâncias. O sistema de saúde belga está preparado, por um lado, para fornecer os cuidados paliativos que forem necessários, mas também, por outro lado, para tomar as medidas que as pessoas possam vir a decidir no que diz respeito a pôr termo a uma situação de vida, que é uma situação de vida absolutamente insuportável. Também na Bélgica, curiosamente, nos últimos dois anos, foi aprovada uma nova legislação que permite a eutanásia das crianças e isso foi um passo muito grande numa

direcção muito discutível, mas a verdade é que foi aprovado e foi aprovado sem grandes ruídos.

III.

E de Bélgica vamos até Itália. Aqui o impasse político continua.

Giuseppe Conte, político

Como já vos foi adiantado rejeitei ao mandato que me fora confiado pelo presidente Mattarella para formar o governo de mudança.

Giuseppe Conte renunciou à tarefa de formar um novo Governo. Conte chegou a esta decisão depois da candidatura do eurocéptico Paolo Savona como ministro da Economia ter sido vetada pelo Presidente da República.

Hoje entretanto foi indigitado um novo primeiro-ministro italiano Carlo Cottarelli.

O enconomista e antigo responsável do Fundo Monetário Internacional já afirmou que irá convocar eleições antecipadas depois de Agosto se não obtiver um voto de confiança do parlamento.

Tanto o Movimento 5 Estrelas como a Liga indicaram que iriam privar o governo de Cottarelli de apoio parlamentar, dando a entender que este será um governo provisório.

IV.

E ainda na actualidade europeia.

Emmanuel Macron esteve na Rússia para tentar salvar o acordo nuclear com o Irão. Também em Viena, representantes dos países signatários deste pacto reuniramse pela primeira vez sem os Estados Unidos, como nos conta a jornalista Lina Ferreira.

A anexação russa da Crimeia levou a uma degradação das relações entre a Moscovo e Bruxelas.

Mas as mais recentes decisões de Donald Trump permitiram abrir um novo caminho para o diálogo.

A chanceler alemã esteve em Sochi, na Rússia, há quase duas semanas. E há poucos dias foi a vez de Emmanuel Macron visitar Vladimir Putin numa tentativa europeia de manter o acordo nuclear com Teerão.

Macron foi tentar convencer Putin a incluir no acordo de 2015 limitações também ao programa de mísseis do Irão. Esta era uma exigência da administração Trump, mas que o governo de Teerão vê como uma ingerência no seu direito à autodefesa.

Também a chanceler alemã Angela Merkel esteve na China. Disse a Xi Jinping que todos têm a ganhar com a manutenção do acordo.

Angela Merkel, Chanceler da Alemanha

O acordo não é perfeito, mas não há outra opção melhor. Como tal, pensamos e devemos continuar a implementar o acordo.

Entretanto, numa reunião em Viena, o Irão disse estar disponível para continuar a negociar com a comunidade internacional. O vice-ministro dos Negócios Estrangeiros iraniano, Abas Aragchi, fez as declarações após a reunião com os representantes da Rússia, China, França, Reino Unido e Alemanha.

+++

Lina Ferreira sobre o acordo nuclear iraniano. Entretanto também o presidente do Irão Hassan Rouhani anunciou que vai à China em Junho reunir-se com o lider russo e chinês para tentar salvar este acordo nuclear.

Victor, depois dos EUA anunciarem a retirada do pacto com o Irão, a União Europeia tem-se esforçado para convencer as restantes partes a manter o acordo. Este acordo pode sobreviver? Eu penso que os europeus não devem ter ilusões em relação ao futuro do acordo com o Irão. Com a saída dos Estados Unidos do acordo e com a actual política americana de aprofundamento das sanções contra o Irão, é evidente que o acordo nuclear com o Irão está moribundo e acabará por morrer. Essa é a minha interpretação e essa é a mensagem que eu gostaria de passar aqui na Europa, é a de que com a saída dos americanos é muito difícil manter o acordo vivo. Sobretudo porque da parte iraniana o acordo era visto como uma possibilidade de voltar a poder exportar petróleo e de voltar a poder ter relações económicas com o resto do mundo e nomeadamente com o espaço europeu. Ora, as empresas europeias que nos últimos anos, com base no que foi aprovado no acordo nuclear com o Irão, as empresas europeias investiram no Irão. Mas essas empresas europeias também têm investimentos importantes nos Estados Unidos. Entre manter relações económicas com o Irão e manter relações económicas e comerciais com os Estados Unidos, as empresas saem do Irão, o Irão perde as vantagens económicas que o acordo lhe dava e acaba também ele por denunciar e sair do acordo.

Victor, e o que dizer também do cancelamento da cimeira com a Coreia do Norte?

È evidente que o anúncio pelo presidente Donald Trump de que a cimeira não iria ter lugar, foi recebido na Europa com algum choque, com alguma surpresa e, sobretudo, com um certo desânimo, no sentido de que se esperava aqui e em Bruxelas e noutras capitais europeias, que essa cimeira permitisse um certo desanuviamento das relações dos Estados Unidos e a Coreia do Norte e também um certo desanuviamento das tensões existentes no Extremo Oriente.

Neste momento há indicações - e sobretudo depois do presidente sul-coreano se ter encontrado com o líder Kim Jong-Un no fim-desemana na zona desmilitarizada - que provavelmente a questão da cimeira possa vir novamente a ser encarada e que os dois líderes se venham a encontrar a 12 de Junho em Singapura. Existe aqui em Bruxelas uma certa esperança que isso possa acontecer, ou seja, que haja uma alteração.

IV.

Já voltamos à conversa com Victor Ângelo.

E esta semana até quinta feita decorre em Estrasburgo a sessão planária do Parlamento Europeu. Em debate vai estar a proliferação da corrupção e do crime através dos 'vistos gold'. Mais com a jornalista Marta Melo.

O Parlamento Europeu deu início ontem, em Estrasburgo, a uma sessão plenária que vai ser marcada pelo debate dos cortes nas políticas agrícola e de coesão, anunciados já nas propostas de orçamento da União Europeia para 2021-2027.

Outros temas, como a proliferação da corrupção e do crime através dos 'vistos gold', vão também estar em cima da mesa.

Ana Gomes, eurodeputada e vice-presidente da Comissão sobre Crimes Financeiros do Parlamento Europeu, classificou o programa dos vistos gold como "um esquema perverso" e "um esquema de prostituição das cidadanias europeias e que põe em causa a segurança na zona Schengen.

No final do ano, esta mesma comissão vai apresentar um relatório sobre este programa, que entrou em vigor em 2012.

Até 2017, os vistos representaram um investimento de 656 mil milhões de euros, dos quais 595 mil milhões de euros foram investidos em aquisição de imóveis.

Eu começava por perguntar. Que leitura é que se pode fazer da atribuição de nacionalidade a cidadãos extracomunitários através de investimento?

Eu creio que é uma política errada. Não se deve de modo algum atribuir a nacionalidade de qualquer um dos países da União Europeia a um investidor vindo do exterior do espaço europeu pura e simplesmente porque ele investiu na economia de um determinado país no espaço europeu. Uma coisa é atribuir a nacionalidade, outra coisa é atribuir um visto de residência. Eu penso que é possível prever uma situação ou prever situações em que investidores – sobretudo investidores com investimentos muito estratégicos - possam beneficiar de vistos de residência nos países europeus, mas isso não quer dizer que recebam automaticamente a nacionalidade do Estado onde estão a investir. Essa diferença, essa destrinça tem que ser feita. Por outro lado, há também que ter em conta o seguinte: É que qualquer visto de residência só deve ser atribuído depois do passado individual do candidato ao visto ter sido analisado pelos serviços de segurança europeus com todo o cuidado.

Temos vários casos, que têm sido denunciados em Portugal. Temos também casos no Chipre, que está também a ser acusado de 'vender a cidadania' a multimilionários corruptos da Rússia e Ucrânia. Que podemos esperar do debate amanhã no Parlamento Europeu?

O Parlamento Europeu pode fazer muita pressão sobre os estados membros da União Europeia no sentido de um escrutínoo mais rigoroso dos candidatos aos vistos de residência.

E noutras áreas, o que esperar deste debate em Estrasburgo, Victor?

Os debates, nomeadamente das relações da União Europeia com Israel serão seguidos com muita atenção. A União Europeia mantém uma relação muito ambígua com o Estado israelita. Israel é um caso típico que justificaria sanções políticas e económicas por parte da Europa. Quer dizer, em relação, por exemplo, aos russos nós aprovamos sanções e em relação aos israelitas não aprovamos sanções. Esta questão dos relacionamentos da Europa com Israel é uma questão que precisa de ser discutida, até porque tem um impacto muito grande na forma como se relaciona com a situação palestiniana, mas também com vários países do Médio Oriente. Também é importante que a União Europeia possa ser vista como mais objectiva em relação a Israel, no sentido que isso aumenta a sua autoridade moral, quando, por exemplo, estiver a tratar de outros casos noutras partes do mundo.

V.

Análise de Victor Ângelo neste Magazine Europa.

E antes de nos despedirmos, a nossa nota cultural. O Festival Alkantara celebra ate dia 9 de Junho 25 anos anos de vida. São 22 espectáculos de artistas de quatro continentes nos palcos lisboetas. Fundado por Mónica Lapa, coreógrafa e bailarina, o festival aconteceu pela primeira vez em 1993. Começou por se chamar Danças na Cidade. É um evento que junta dança a outras artes, como é o caso teatro.

Nós hoje ficamos por aqui, vamos um mês de ferias e voltamos no início de Julho. Até lá!

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.